

**TÍTULO DA SEÇÃO:
ENSAIOS**

CULTURA, PÓS-COLONIALISMO E AMÉRICA LATINA/CARIBE

Thomas BONNICI¹

(Universidade Estadual de Maringá/PR)

1 INVISIBILIDADE DO CONTINENTE AMERICANO

Uma análise dos índices remissivos de *Orientalismo* (1990) e *Cultura e Imperialismo* (1995), os dois livros paradigmáticos de Edward Said, respectivamente publicados em 1978 e 1993, mostra a ausência ou a invisibilidade do continente americano nos Estudos Pós-coloniais. O livro fundacional e seminal *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, escrito em 1989, não menciona sequer um texto sobre a América Latina ou escrito por um autor latino-americano. A análise sobre a literatura caribenha britânica que se faz neste livro dá a impressão que não havia nem zona de contato nem cruzamentos entre ideias, culturas, autores e colonialismo luso-ibérico nas regiões americanas contíguas. Semelhante panorama pode ser apreendido quando se analisam os ‘Readers’ de acordo com as referências geoculturais de seus artigos. Desde *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory* (1994), organizado por Patrick Williams e Laura Chrisman, até a mais recente segunda edição de *The Post-Colonial Studies Reader* (2006), organizado por Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, a América Latina não se encontra no mapa dos Estudos Pós-coloniais. *Post-Colonial Theory* (1998), de Leela Gandhi, *Relocating Postcolonialism* (2002), de David Theo Goldberg e Ato Quayson, *Post-colonial Transformation* (2001) e *Caliban’s Voice* (2009), de Bill Ashcroft, confirmam a metodologia atualmente dominante e seguem as focalizações adotadas por Said, sem nenhuma menção da América Latina.

Exceto *Colonialism/Postcolonialism* (1998), de Ania Loomba, somente duas obras incluem a América Latina no contexto dos Estudos Pós-coloniais: um artigo de Ashcroft (1998), mais tarde transformado em introdução a *Modernity’s First Born*, de Toro & Toro (1999), e *Postcolonialism: An Historical Introduction*, de Young (2001). O primeiro

¹ Doutor em Teoria da Literatura. Docente da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: bonnici@wnet.com.br.

apresenta a América Latina como uma região que participou na produção de discursos pós-coloniais desde a sua descoberta. Enquanto *Modernity's First Born* mostra que textos latino-americanos revelam que as estratégias transformativas do discurso pós-colonial não são limitadas às populações recentemente colonizadas, *Postcolonialism: An Historical Introduction* é um livro mais complexo, com dois capítulos dedicados à América Latina. Todavia, Ashcroft e Young deixam de mencionar e analisar autores latino-americanos (Candido, Schwarz, Santiago, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Fernando Coronil, Nestor García Canclini e Walter Dignolo, por exemplo) que investigaram, com a mesma profundidade, o colonialismo tal qual Said, Spivak e Bhabha o fizeram. Além do silêncio 'forçado' de críticos e pesquisadores latino-americanos, o que fica claro pela exposição acima é a complexidade do tratamento da América Latina através de paradigmas pós-coloniais e as dificuldades de encontrar um espaço na Teoria Pós-colonial para a América Latina. Por que a teoria pós-colonial e o continente americano se encontram tão afastadas uma da outra? Por que até agora a representação americana nos Estudos Pós-coloniais é tão tênue e sem impacto internacional? Diante de tantos autores e críticos caribenhos de idioma inglês ou francês, por que há certa resistência em representar a condição pós-colonial da América luso-hispânica? Por que os aspectos latino-americanos de temas como subalternância, hibridismo, colonialismo, diáspora, feminismo pós-colonial, resistência e outros foram silenciados na literatura pós-colonial internacional?

2 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS LATINO-AMERICANOS

Embora reflexões sobre a conquista, a colonização e o sistema escravagista nas Américas tenham começado de longa data, o termo 'pós-colonialismo' originou-se a partir das discussões sobre as repercussões literárias da colonização e a descolonização das colônias africanas e asiáticas após a Segunda Guerra Mundial. Como a maioria das nações americanas tornou-se independente no primeiro quartel do século 19, as discussões acima praticamente não se referiam à descolonização do continente americano, embora este fosse considerado integrante do 'Terceiro Mundo'. Tentando entender a trajetória histórica distinta da América e para fazer frente à teoria da modernização, os pensadores americanos dos anos 1960 (entre os quais, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, Aníbal Quijano, Theotônio dos Santos, Rui Mauro Marini) ocupavam-se com discussões sobre o problema da *dependência* envolvendo as nações pós-coloniais 'antigas' das Américas e do Terceiro Mundo mais do que sobre o

colonialismo. Apesar de suas falhas (desenvolvimento centrado no Estado; marginalização das divisões raciais e étnicas das nações americana), a teoria da dependência foi talvez uma das maiores contribuições pós-coloniais latino-americanas nesse período, questionando as concepções eurocêntricas da história e do desenvolvimento capitalista e fornecendo ferramenta contra o neoimperialismo e neocapitalismo vigentes. Apesar da importância dessas teorias, a sua influência nas interpretações ‘terceiro-mundistas’ decaiu nos anos 1970.

Ademais, o termo ‘pós-colonialismo’ se desenvolveu no mundo anglófono quando se analisavam as literaturas das ex-colônias britânicas, e se tornou na década de 1970 em diante uma área acadêmica de saber caracterizada por uma junção entre a localização metropolitana de produção e a postura anti-imperial de seus autores. A crítica literária concentrou-se em textos escritos em inglês, incluindo aqueles oriundos da Austrália, da Nova Zelândia e do Caribe britânico. Segue-se que os textos sobre as Américas não ficaram salientes nos Estudos Pós-coloniais dos anos 1980 em diante. Uma das principais razões para essa exclusão é a focalização dada por Said em seus livros seminais sobre o Oriente. Como foi dito acima, *Orientalismo* e *Cultura e imperialismo* concentram suas análises sobre o imperialismo francês e britânico a partir do século 19; Argélia e Índia são seus *loci* geográficos; o papel dos Estados Unidos é limitado a partir da Segunda Guerra Mundial sem nenhuma referência a 1898, um ano crucial no continente americano e ao colonialismo interno perpetuado pelos brancos estadunidenses contra as primeiras nações em seu território.

É de fundamental importância notar que esses textos anglófonos fundadores dos Estudos Pós-coloniais carecem da profundidade temporal que os fatos exigem. Essa ocorrência, *ipso facto*, exclui o continente americano da sua análise. Quando Said desloca os conceitos fundadores do imperialismo e do período colonial na Modernidade, ele ‘vicia’ a investigação sobre a teoria pós-colonial. Embora seja verdade que Said discute a relação entre cultura, colonialismo e imperialismo, o último termo sempre é considerado a partir do imperialismo britânico e desde meados do século 19. De fato, *Mansfield Park*, de Jane Austen, publicado em 1814, é considerado um romance da “era pré-imperialista”, enquanto *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad, publicado em 1902, é o fulcro temporal dos dois livros de Said, abrangendo uma área desde o Oriente até o Maghreb. Como essa abrangência espacial e temporal diz respeito aos impérios britânico e francês do fim do século 19 e início do século 20, ignora-se o fato de as atividades desses dois impérios iniciaram-se nas Américas no século 17. Consequentemente, os grandes temas de racismo, escravidão e mestiçagem, intimamente ligados à cultura europeia, não constituem os principais tópicos de Said.

Said, seguido por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (1989), considera os Estados Unidos uma potência imperial somente a partir da Segunda Guerra Mundial. Há uma falha histórica nesse pressuposto, composta por várias omissões e ‘esquecimentos’, tais como: (1) as origens dos Estados Unidos remontam às colônias francesas, britânicas e espanholas; (2) as incursões imperiais estadunidense no Pacífico no século 19; (3) o colonialismo interno perpetuado pelas guerras contra as primeiras nações estadunidenses; (4) as invasões na América Central e no Caribe no século 20. Finalmente, se o início do fim das colônias imperiais pode ser localizado temporalmente logo após a Segunda Guerra Mundial, quando a Índia tornou-se independente, então, F. Fanon, A. Césaire, C.L.R. James e W.E.B. DuBois, antecedendo a Said, deixariam de explicar quando os Estados Unidos, a América Latina e o Caribe tornaram-se pós-coloniais.

Por outro lado, entre os críticos latino-americanos não há um consenso sobre a adequação dos Estudos Pós-coloniais à América Latina. Adorno (1993) argumenta que os parâmetros pós-coloniais discutidos por Said (1990; 1995) e Ashcroft *et al.* (1989) não se aplicam aos países latino-americanos porque os conceitos do colonialismo e do imperialismo originaram-se das experiências coloniais das potências não lusitanas e hispânicas. Portanto, a pesquisadora argumenta, esses conceitos foram aplicados artificialmente sobre a experiência colonial portuguesa e espanhola do período entre os séculos 16 e 18. Contra esse argumento pode-se dizer que, embora o modelo colonial, o discurso colonial e a descolonização possam diferir, a posse da terra sempre é considerado o item constante e mais crucial no discurso colonial para os sujeitos coloniais

Outro argumento formulado por Adorno (1993) e por Klor de Alva (1992) para excluir a América dos paradigmas pós-coloniais diz respeito ao fato de as guerras da independência latino-americana não terem se dado entre as populações colonizadas e as populações colonizadoras e de essas guerras terem sido seguidas por guerras de extermínio contra as primeiras populações das Américas. Esses pesquisadores asseveram que as guerras da Independência não foram guerras anticoloniais, mas lutas de elites. De fato, as desigualdades coloniais foram mantidas. Esse argumento é falho porque, para as populações indígenas, o colonialismo não terminou quando um país tornara-se independente. Além disso, há uma profunda semelhança entre as guerras da Independência e as guerras para a descolonização da África e da Ásia, as quais mantiveram os privilégios das elites e as desigualdades sociais, ou seja, ‘o colonialismo interno’ (STAVENHAGEN, 1965; CASANOVA, 1965).

Embora os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina e outros países sul-americanos se tornassem independentes nas primeiras décadas do século 19, esse fato não impedia que esses países se tornassem potências colonizadoras referente aos países vizinhos e aos ameríndios e às suas terras. Paradoxalmente, suas literaturas pós-coloniais e seus escritores (‘pós-coloniais’), os quais floresceram após a Independência, enveredaram por um discurso pós-colonial com as outras nações do continente, com as populações ameríndias e africanas, e com o ambiente literário europeu.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA AMÉRICA LATINA AOS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

A relevância dos Estudos Pós-coloniais para a América Latina é garantida por Mignolo (2000) e sugere que sejam tratados como um espaço liminar para o desenvolvimento do saber a partir dos nossos diferentes lugares de enunciação. A partir da crítica sobre o Ocidentalismo de Coronil (1996) e das ideias de Pós-Ocidentalismo de Retamar (1976), Mignolo (2000) envereda por uma discussão sobre a produção do conhecimento não imperial, tecendo várias reflexões de pensadores latino-americanos, especialmente sobre o conceito de “colonialidade do poder”, de Quijano (2000), e a crítica do eurocentrismo elaborado por Dussel (1995). Além disso, os debates do Grupo de Estudos Subalternos Latino-Americanos, fundado em 1992, giram em torno do problema da subalternidade ou de interpretação de textos considerados subalternos para que se repense os engajamentos intelectuais e políticos que definam o campo dos estudos latino-americanos. Problematizando o papel do poder e criticando conceitos básicos como ‘nação,’ ‘estado’, ‘agentes’ e outros, alguns estudos (MALLON, 1994) mostram que as comunidades subalternas se diferenciam radicalmente; outros enveredaram pelo trabalho, rebeldia indígena e poder oligárquico; outros ainda estudaram o ‘colonialismo interno’ iniciado por Casanova e Stavenhagen em 1965.

Caracterizando os Estudos Pós-coloniais na América Latina, Castro-Gomes e Mendieta (1998) distinguem entre ‘o discurso anticolonial’ produzido por Bartolomé de las Casas, Waman Poma de Ayala, Francisco Bilbao e José Enrique Rodo e ‘o discurso pós-colonial’ de Said, Bhabha e Spivak. O discurso anticolonial é produzido “em espaços tradicionais de atividades, [isto é] em situações nas quais os sujeitos formaram suas identidades em contextos predominantemente locais que ainda não tinham sido submetidos a processo intensos de racionalização.” Por outro lado, as teorias pós-coloniais são produzidas “em contextos pós-tradicionais de atividades [isto é] em lugares onde os sujeitos constroem

suas identidades através de sua interação com os processos de racionalidade global e onde, justamente por essa razão, as fronteiras culturais tornam-se porosas (CASTRO-GOMES; MENDIETA, 1998, p. 16-17). Segue-se que o discurso anticolonial dos subalternos implode o colonialismo usando as categorias coloniais; o discurso pós-colonial historiza sua posição e produz conhecimento que subverte o campo da ação política. A política radical, portanto, está no trabalho intelectual que desconstrói as categorias coloniais e descoloniza o descolonialismo.

Rechaçando a afirmação de Spivak (1993, p. 57) de que “a América Latina não participou da descolonização,” Retamar (1996) discute alguns temas-chave como parte de um único processo de descolonização, fazendo a ponte entre lutas políticas e reflexões intelectuais. Portanto, a Revolução de Haiti, as guerras de Independência, a Revolução Mexicana, a Revolução Cubana, os movimentos dos Zapatistas e das Madres de la Plaza de Mayo integram-se ao Modernismo literário, à teologia e filosofia da libertação, à teoria da dependência, à pedagogia dos oprimidos, à historiografia latino-americana e ao *testimonio*, considerados como estratégias de projetos descolonizadores.

Parece que o relacionamento entre colonialismo e modernidade é o problema mais importante nos Estudos Pós-coloniais e Estudos Latino-Americanos e que a contribuição destes últimos é de investigar esse problema colocando-o num contexto histórico mais amplo. A inclusão da América Latina no âmbito dos Estudos Pós-coloniais dilata sua extensão geográfica e sua profundidade temporal. O capitalismo, a modernidade, o início da industrialização, a formação dos estados-nações no século 18 podem ser vistos como um processo global envolvendo a expansão do Cristianismo, a formação do mercado global e o estabelecimento de impérios transcontinentais desde o século 16. Esse diálogo aprofundará o estudo do pós-colonialismo pós-Independência e a análise do imperialismo contemporâneo; o último está subdividido em imperialismo global e imperialismo nacional/colonial (CORONIL, 2003). Além disso, esse diálogo coloca os Estudos Pós-coloniais numa categoria polissêmica, ou seja, condensando vários sentidos e abrangendo diferentes espaços. Em outras palavras, os Estudos Pós-coloniais não se fecham dentro de um território fixo, mas num campo cada vez mais extenso de lutas contra o colonialismo e todas as formas de objetificação.

No contexto americano literário, Hulme (1996) enumera os aportes para a teoria pós-colonial latino-americana: (1) Frantz Fanon é o autor-chave, com *Os condenados da terra* e *Pele negra, máscaras brancas*, salientando temas como nacionalismo, raça, violência, classe, linguagem, África; (2) o modelo Calibã-Próspero é, até certo ponto, ainda válido, com

especial ênfase na frase “Esta ilha é minha,” afirmando os direitos dos despossuídos à terra usurpada por Próspero e confirmando que, mais de que qualquer outra coisa, o direito à terra é crucial aos povos indígenas/híbridos no continente americano; (3) diante do ambiente exclusivamente masculino das lutas contra o usurpador, da marginalização de Sícórax e de Miranda, e do banimento da miscigenação, *A Tempestade* poderá ser complementada por *Oroonoko*, de Aphra Behn, para melhor se adequar às realidades históricas e aos ditames da teoria pós-colonial; (4) embora o *corpus* teórico oriundo do Caribe (Glissant, Lamming, Retamar, James, Harris) seja tão significativo a tal ponto de o Caribe poder ser considerado a *metonímia* da América, a contribuição dos outros países americanos reforça a teoria pós-colonial autóctone, a qual não pode ser desprezada; (5) desafiando o essencialismo do vocabulário teórico eurocêntrico, a *teoria pós-colonial localizada* tenta construir seu repertório sobre seus próprios recursos culturais: transculturação, contraponto, criouliização e mestiçagem são termos latino-americanos que estão a par do vocabulário europeu denotando hibridismo, ambivalência, migração e diáspora.

4 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS BRASILEIROS

A exclusão do Brasil nos Estudos Pós-coloniais sofreu (e sofre) os mesmos trâmites semelhantes à não aceitação da condição pós-colonial da América Latina. As revistas mais famosas internacionais sobre pós-colonialismo, *Moving Worlds*, da Universidade de Leeds, *Postcolonial Text*, da Simon Fraser University, Canadá, e *Kunapipi*, da Universidade de Wollongong, Austrália, sequer mencionam o Brasil como objetos de estudos pós-coloniais. ‘Ig/Noble Barbarians,’ de Else Vieira (2000), e ‘European Transplants,’ de Russell G. Hamilton (2008), são os poucos capítulos de livros, publicados no exterior, que incluem o Brasil no âmbito dos Estudos Pós-coloniais. ‘Postcolonialisms and the Latin Americas,’ de Else Vieira (1999), foi o único artigo sobre o Brasil, no contexto latino-americano, em dez anos, publicado na revista internacional *Interventions*. Apesar dessa quase invisibilidade, é importante salientar os conceitos pós-coloniais que, durante o século 20, foram analisados, esquecidos, retomados e mais uma vez investigados, às vezes sob ângulos diferentes, e que, por si só, fundamentam a cartografia brasileira dos Estudos Pós-coloniais. Esses conceitos mostram um trabalho diferente e paralelo que pensadores brasileiros têm executado para entender a sua condição de país do ‘Terceiro Mundo’ caracterizado pela dependência.

Há um consenso de que Antonio Candido é o precursor dos estudos subalternos contemporâneos no Brasil, os quais constroem a base de uma teoria pós-colonial local porque formam a ligação entre o subdesenvolvimento e a cultura/literatura (CEVASCO, 2003). Para Candido (1989), a ligação entre a literatura e o social e, conseqüentemente, a consciência do subdesenvolvimento econômico e da dependência cultural, são os pré-requisitos para a superação desses dois fatores. Tentando a construção de uma ponte entre a América espanhola e a América portuguesa, Candido e mais tarde Schwarz insistem na abordagem histórico-social da literatura, ou seja, os relacionamentos entre análise literária, sociologia da cultura e discurso historiográfico. De fato, continuamente recolocam o papel da literatura na construção da 'nacionalidade', a primazia da cópia sobre o original, a ambivalência, as definições do subdesenvolvimento, as implicações do discurso social das épocas objeto de estudo, a existência da 'latino-americanidade', a modernidade, conceitos de modernidade, os efeitos da modernidade na história brasileira, a cultura de massa e identidade nacional, as repercussões da globalização, o diálogo entre a obra literária e a releitura e a recriação do passado.

A retomada no fim do século 20 da ideia da antropofagia cultural de Oswald de Andrade fundamenta a base dos Estudos Pós-coloniais brasileiros. Vieira (1999) escreve:

A perspectiva que gostaria de sublinhar é que a etiqueta importado do Oriente, através da reintrodução de uma conscientização mais acentuada da condição (pós)colonial, torna visível o corpus latino-americano da teoria pós-colonial, até capacitando a sua constituição. Vários conceitos são revitalizados e moldados conforme a nova rubrica: 'transculturação' (introduzida pelo cubano Fernando Ortiz na década de 1940) e os conceitos de 'hibridização' (uma estratégia cultural para subverter a dominação) e 'entremeio' (como o lócus da enunciação), ambos introduzidos pelo brasileiro Silviano Santiago em 1978. Gostaria também de me referir aos especialistas e escritores Eduardo Galeano, Angel Rama, Gabriel García Márquez, Roa Bastos, Octavio Paz, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, Celso Furtado, Alfredo Bosi, Octávio Ianni, Roberto Schwarz e outros. No início dos anos 1920, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, ambos associados ao movimento de antropofagia (canibalismo) contra o colonialismo da mente, também emergem como pensadores pós-coloniais. Um grande número de precursores importantes no século 19, esparramados pela América Latina, faz parte da cartografia deste segmento dos Estudos Pós-coloniais (1999, p. 274).

A antropologia cultural seria a condutora da diferença brasileira e serviria como estatuto para a constituição de um ponto de vista pós-colonial para a teoria brasileira e para a superação das noções de atraso e subdesenvolvimento. A identidade nacional seria uma construção discursiva para delinear diferenças, subverter oposições e questionar a diferença

cultural. A alteridade, então, é constitutiva da cultura brasileira e de uma teoria da cultura ‘nativa.’ A ‘antropofagia’ torna-se, portanto, o ponto nevrálgico de uma abordagem pós-colonial brasileira onde se realiza a desestruturação da hegemonia ocidental.

Por sua vez, Silviano Santiago descreve e analisa o conceito de ‘entrelugar’ como um “lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, [onde] se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana” (SANTIAGO, 1978, p. 108), onde acontecem os eventos de hibridização e a consciência deles.

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem o seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz (SANTIAGO, 1978, p. 18).

A hibridização e a mestiçagem, as quais, conforme Ribeiro (1995), resultaram da prática social e da instituição do ‘cunhadismo’, tiveram uma aceitação e assimilação biológica e social tão profunda que não somente deram início à formação do povo brasileiro, mas também desconstruíram a hierarquia colonizador-colonizado. Constata-se que a assimilação, baseada no hibridismo, é um fator histórico positivo de grandes possibilidades culturais.

Por outro lado, Darcy Ribeiro (1988) e Octávio Ianni (1993) utilizam a metáfora da colcha de retalhos para mostrar o relacionamento entre o colonialismo e o ‘Terceiro Mundo’. O Brasil é intrinsecamente formado por uma herança cultural arcaica e por elementos novos. A independência política não produziu o fim da marginalização, mas fez com que emergisse uma sociedade de classes imbuída por desigualdades, as quais são a metonímia das desigualdades regionais, raciais e culturais que tecem um desenho antigo na colcha de retalhos sobre a qual se desenha o mapa da nação (IANNI, 1993).

Ademais, reutilizando conceitos tirados do ensaio (com seis capítulos) ‘O colono preto como fator da civilização brasileira’, escrito em 1918 pelo primeiro historiador negro brasileiro, Manuel Querino, sobre a contribuição do africano na formação cultural do povo brasileiro, Ildásio Tavares publica *Nossos colonizadores africanos* em 1996. Os grandes temas de Querino (1954), cujo ensaio foi republicado como *O africano como colonizador*, são, entre outros: habilidades tecnológicas africanas, robustez física, adaptabilidade ao trabalho, resistência e revide, comunidades culturais de resistência (quilombos), reprodução das instituições sociais subsaarianas, criouliização e hibridez, integração social. Por si só, esses temas já dariam início, embora anacronicamente, aos Estudos Culturais brasileiros,

especialmente sob o aspecto subalterno. Voltando ao trabalho de Tavares, o tema de seu livro tem um significado pós-colonial: a africanização da Bahia e, por extensão, do Brasil. “Quando vejo negros iorubanos da Nigéria, [...] fico feliz de poder, ao menos aqui, saber que um dia, na África, houve uma religião tão bela, tão encantadora e viva, na qual convivemos com os orixás, os voduns, os niquices, os encantados” (TAVARES, 1996, p. 56). Além da análise da hibridização religiosa, Tavares investiga a resistência violenta e não violenta do negro contra o colonizador. Afirmando que “além da resistência física e orgânica, os negros tiveram de usar toda sua astúcia para sobreviver” (TAVARES, 1996, p. 56), essa resistência assume aspectos originais, ou seja, a adaptabilidade do negro visava não apenas a sua resistência contra a europeização, mas também ao objetivo de “empretecer os brancos” (TAVARES, 1996, p. 56), o que provocou a des-europeização dos habitantes brancos no Brasil. Portanto, Tavares celebra o hibridismo biológico, cultural e social existente no Brasil e especialmente na Bahia, qualificada como a ex-colônia africana no Novo Mundo.

A contribuição de Paulo Freire às teorias pós-coloniais pode ser resumida através da sua constatação da complexidade dos vários tipos de colonialismo e de opressões que vão além do binarismo simplista utilizado para a compreensão do relacionamento colonizador-colonizado e metrópole-colônia. Freire (1983) concebe a sua pedagogia dos oprimidos dirigida aos “sobrantes” (os subalternos), os grandes contingentes de trabalhadores marginalizados compostos por ex-escravos, descendentes de africanos, mestiços, índios, imigrantes europeus e seus descendentes operários, ou seja, a massa não elite brasileira. Na concepção de Freire, embora os oprimidos, culturalmente emudecidos, desejem e ao mesmo tempo temam a liberdade, eles podem criar (e criam) a sua pedagogia. Esta não é feita para eles, mas por eles a fim de que eles se tornem autônomos e sujeitos. A fala e a escrita são construídas quando a cultura expressa e transforma a realidade do mundo de um modo definido e consciente.

5 RESULTADOS

As reflexões latino-americanas e, em especial, as investigações brasileiras sobre a literatura e seu contexto social que constituem os pressupostos dos Estudos Culturais produziram uma literatura extensa a partir da qual a teoria pós-colonial latino-americana e brasileira, já sistematizada e desenvolvida, poderia ser mais elaborada. A Antropologia, a História e a Sociologia brasileira já podem exibir um grande número de volumes que tratam

de colonialismo, violência, cultura, miscigenação, diáspora, identidade, alteridade, escravidão, memória, racismo, ou seja, temas fundamentais para estudos literários posteriores. Os autores de *Margens da Cultura*, organizado por Abdala Junior (2004), mostram o estado da arte em que se encontram esses estudos, ou seja, refletem a originalidade dos Estudos pós-coloniais brasileiros e o déficit que os Estudos Pós-coloniais internacionais têm diante da exclusão da América Latina no âmbito das mesmas investigações.

Nos Estudos Pós-coloniais brasileiros, deve-se salientar, todavia, o fator de diferenciação colonial brasileira, com repercussões nos Estudos Culturais e nas discussões literárias. Esse tema, já analisado por Toller Gomes (2006) e Hamilton (2008), refere-se à dependência de Portugal em relação à Inglaterra, à dependência dupla do Brasil ao sistema colonial, e à ambivalência de ser simultaneamente metrópole e colônia. Embora essa diferenciação coloque o Brasil e a cultura brasileira na condição de “cópia,” essa situação revela, nas palavras de Schwarz (1997, p. 48):

[...] a dimensão organizada e cumulativa do processo, a força potenciadora da tradição, mesmo ruim, as relações de poder em jogo, internacionais inclusive. Sem prejuízo de seus aspectos inaceitáveis [...] a vida cultural tem dinamismos próprios, de que a eventual originalidade, bem como a cópia dela, são elementos entre outros. A questão da cópia não é falsa, desde que tratada pragmaticamente, de um ponto de vista estético e político, e liberta da mitológica exigência da criação a partir do nada.

Apesar dos aportes teóricos latino-americanos, inclusive os brasileiros, dos Estudos Pós-coloniais, há ainda, salvo engano, a carência de dois fatores: (1) a vontade de a crítica literária brasileira utilizar os paradigmas pós-coloniais elaborados por pesquisadores brasileiros para os textos literários oriundos da cultura brasileira e (2) a produção literária maciça e constante dos subalternos, especialmente os afrodescendentes, os operários e os despossuídos da terra como “eu enunciador” (BERND, 1987) e não como tema apenas. Referente ao primeiro fator, parece que um neocolonialismo cultural permeia a crítica literária brasileira.

Não há como esquivar-se dos instrumentos dos Estudos Culturais e Pós-coloniais à disposição da academia para a análise das obras literárias. No que diz respeito ao segundo fator, pode-se dizer que, ao contrário da poesia, carece a literatura negra brasileira e de outros subalternos de romances nos quais o autor se exprime a partir da experiência que os subalternos vivem na história do hibridismo, racismo e multiculturalismo (PEREIRA DE ALMEIDA, 2002). Ainda uma elite social predomina na autoria da literatura brasileira em

prosa; esta muito perde com a ausência quase absoluta de romances de autoria afrodescendente e de outros subalternos. Apesar da exclusão e da escassa visibilidade dos Estudos Pós-coloniais brasileiros na crítica literária internacional, a elaboração de um pensamento pós-colonial brasileiro é baseada em investigações e discussões sólidas. Basta não olhar exclusivamente para o discurso estrangeiro e começar a utilizar também o que é nosso.

6 REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, B. (Org.) *Margens da Cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ADORNO, R. Reconsidering Colonial Discourse for Sixteenth and Seventeenth Century Spanish América. *Latin America Research Review*, v. 28, n. 3, p. 135-145, 1993.
- ASHCROFT, B. *Caliban's Voice*. London: Routledge, 2009.
- _____. *Postcolonial Transformation*. London: Routledge, 2001.
- _____. Modernity's First Born: Latin America and Post-Colonial Transformation. *Ariel: Review of International English Literature*, v. 29, n. 2, p. 7-29, 1998.
- _____; GRIFFITHS G.; TIFFIN, H. *The Empire Writes Back*. London: Routledge, 1989.
- _____; GRIFFITHS G.; TIFFIN, H. *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 2006.
- BERND, Z. *Negritude e Literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.
- CASANOVA, P. C. Internal Colonialism and National Development. *Studies in Comparative International development*, v. 1, n. 4, p. 27-37, 1965.
- CASTRO-GOMES, S.; MENDIETA, E. *Teorías sin disciplina: Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate*. Ciudad del México: Miguel Ángel Porrúa, 1998.
- CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CORONIL, F. Globalización liberal o Imperialismo global: Cinco piezas para armar el rompecabezas del presente. *Temas*, v. 33-34, n. 14, 2003, p. 27.
- _____. Beyond Occidentalism: Towards Nonimperial Geohistorical Categories. *Cultural Anthropology*, v. 11, n. 1, p. 51-87, 1996.

DE TORO, A.; DE TORO, F. *El debate de la postcolonialidad en Latinoamérica: una postmodernidad periférica o cambio de paradigma en el pensamiento latinoamericano*. Madrid: Iberoamericana, 1999.

DUSSEL, E. *The Invention of the Americas: Eclipse of the 'Other' and the Myth of Modernity*. New York: Continuum, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GANDHI, L. *Post-Colonial Theory*. New York: Columbia UP, 1998.

GOLDBERG, D. T.; QUAYSON, A. *Relocating Postcolonialism*. Hoboken NJ: Wiley-Blackwell, 2002.

HAMILTON, R. G. European Transplants. In: MORAÑA, M.; DUSSEL, E.; JÁUREGUI, C. A. (Orgs.). *Coloniality at Large*. London: Duke University Press, 2008, p. 113-129.

HULME, P. La teoría poscolonial y la representación de la cultura en las Américas. *Casa de las Américas*, v. 36, n. 202, p. 3-8, 1996.

IANNI, O. *O laberinto latino-americano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

KLOR DE ALVA, J. Colonialism and Postcolonialism as (Latin)American Mirages. *Colonial Latin American Review*, v. 1, n. 1-2, p. 3-23, 1992.

LOOMBA, A. *Colonialism/Postcolonialism*. London: Routledge, 1998.

MALLON, F. E. The Promise and Dilemma of Subaltern Studies: perspectives from Latin American History. *American Historical Review*, v. 99, n. 5, p. 1491-1515, 1994.

MIGNOLO, W. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledge and Border Thinking*. Princeton: PUP, 2000.

PEREIRA DE ALMEIDA, E. *Zezório Blues*. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

QUERINO, M. *O africano como colonizador*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1954.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidade del saber: Eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 201-246, 2000.

RETAMAR, R. F. Pensamiento de Nuestra América: autorreflexiones y propuestas. *Casa de las Américas*, v. 37, n. 204, p. 41-56, 1993.

_____. Nuestra América y Occidente. *Casa de las Américas*, v. 16, n. 98, p. 36-57, 1976.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1995.

_____. *O dilema da América Latina: Estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SAID, E. *Imperialismo e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectivas, 1978.

SCHWARZ, R. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SPIVAK, G. *Outside in the Teaching Machine*. London: Routledge, 1993.

STAVENHAGEN, R. Classes, Colonialism and Acculturation. *Studies in Comparative International Development*, v. 1, n. 7, 1965, p. 53-77.

TAVARES, I. *Nossos colonizadores africanos: Presença e tradição negra na Bahia*. Salvador: Editora da UFB, 1996.

TOLLER GOMES, H. Crítica pós-colonial em questão. *Revista Z Cultural*, v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://www-pacc.ufrj.br/2/ano3/01/artigo4.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

VIEIRA, E. Ig/Noble Barbarians: Revisiting Latin American Modernisms. In: FIDDIAN, R. (Org.). *Postcolonial perspectives on the Cultures of Latin America and Lusophone Africa*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 51-78.

_____. Postcolonialisms and the Latin Americas. *Interventions*, v. 1, n. 2, p. 273-281, 1999.

WILLIAMS, P.; CHRISMAN, L. *Colonial Discourse and Post-Colonial Theory*. 1994.